

# **ANTES DE ENDOVÉLICO... A PROPÓSITO DAS PLACAS DE XISTO GRAVADAS DA ANTA DE SANTIAGO MAIOR E DAS ANTAS DA HERDADE DOS GALVÕES (ALANDROAL, ALENTEJO)**

*Victor S. Gonçalves*

Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ).  
Grupo de Estudos sobre as Antigas Sociedades Camponesas

A obsessão por saber a razão das coisas é uma ideia fútil e mesmo disparatada.  
Mas procurá-la é outra coisa, como nos ensina o Filho da Deusa.  
Aquele que vemos ao longe e perto, e que para nós acende as fogueiras na noite.  
E vê correr o fulvo metal nos moldes de argila.

Dito do Agricultor-Metalurgista ao Pastor místico,  
*Parábola dos Caminhos Perdidos, Os Escritos de Iis*,  
21.<sup>a</sup> edição crítica, 111 AGC.

## **Resumo**

O autor comenta três placas de xisto gravadas provenientes da Anta de Santiago Maior e outras tantas da Anta 2 da Herdade dos Galvões (Alandroal).

Refere-se aos povoados de fossos do Alandroal e a uma estratégia do povoamento que implica a definição de espaços protegidos. Este ainda mal conhecido modo de produção entra em colapso cerca de 2900 a.n.e., com a chegada dos arqueometalurgistas do cobre, vindos do Sul da Península Ibérica.

Águas Frias, um povoado protegido por fossos sinuosos, parece ter sido não necessariamente um centro produtor, mas uma escola para gravadores de placas de xisto.

A notável placa de xisto gravada MNA 7794, com 67 figurações do Jovem Deus é um marco na história da reconversão dos elementos presentes nas placas, e que correspondem a uma segunda fase. A primeira, anterior, é a de Águas Frias, datável dos últimos séculos do 4.<sup>o</sup> milénio e do primeiro do 3.<sup>o</sup>. A segunda

é típica da primeira metade do 3.º milénio, talvez a partir de 2900 a.n.e., terminando cerca de 2500 a.n.e.

Palavras chave: Neolítico final; Calcolítico; placas de xisto gravadas; Águas Frias.

### Abstract

The author comments three engraved schist plaques from Anta de Santiago Maior and other three from Anta 2 da Herdade dos Galvões (Alandroal).

Refers to an early strategy of settlement which involves the definition of protected areas with ditches. This still poorly known mode of production collapses about 2900 BCE., with the arrival of archaeometalurgists of the copper, coming from the south of the Iberian Peninsula.

Águas Frias, a village protected by meandering ditches, seems to have been not necessarily a production center, but a school for engravers of schist plaques.

The remarkable plaque MNA 7794, with 67 figurations of the Young God, is a milestone in the history of the conversion of the elements present on the plaques, which correspond to a second phase. The first, above, is the Águas Frias production of plaques engraved with geometrical elements, probably datable to the last centuries of the 4th millennium and the first century of the 3rd. The plaques with representations of the Goddess with Sun Eyes, and, sometimes, with the Young God, is typical of the first half of the 3rd millennium, perhaps from 2900 BCE, ending about 2500.

Keywords: Late Neolithic; Chalcolithic; engraved schist plaques; Águas Frias.

### 1. Vivos e Mortos. Arqueologia do megalitismo no Alandroal.

A Arqueologia do megalitismo no Alandroal tem, sem dúvida, um começo sério e honrado, com Georg e Vera Leisner (1959).

O casal alemão prossegue a sua investigação no megalitismo alentejano num dos volumes dedicados aos *Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. Não são muitos, porém, os monumentos referidos e ainda menos os escavados.

Deste pequeno conjunto, sobressaem a Anta de Santiago Maior e as Antas da Herdade dos Galvões. As imagens dos artefactos recolhidos estão em Leisner e Leisner, 1959, Tafel 24, Bloco 1 (Anta de Santiago Maior) e Bloco 2 (Antas dos Galvões).

Um longo sono se seguiu a estes trabalhos, cujo contexto de monumentos ortostáticos viria a ser melhor conhecido quanto à localização das antas com os trabalhos de Manuel Calado (Calado, 1993, Calado e Roque, 2013). Com efeito, ao elaborar a sua obra de referência sobre a arqueologia do concelho (e, já em 2013, ao divulgar a revisão de esse trabalho pioneiro) o arqueólogo da Horta do Laranjal lista monumentos megalíticos e alguns povoados, possivelmente contemporâneos do primeiro uso das antas do

Alandroal. Entre eles, povoados, o notável sítio de Águas Frias, até hoje a única escola conhecida para o ensino das técnicas para a manufatura de placas de xisto gravadas.

Para efeitos de conservação e restauro, Leonor Rocha viria a reescavar a Anta de Santiago Maior (2009), depois de outro monumento, infelizmente inconclusivo, Lucas 6 (2007). Ainda que os resultados e conclusões não tenham sido à altura do expectável em Lucas 6, e se resumam a uma nova placa de xisto recolhida na Anta de Santiago Maior, teremos de admitir estarmos, apesar de tudo, perante uma terceira fase, incompleta, na aproximação ao Megalitismo de esta área.

Não se conhece, no entanto, até hoje, qualquer integração dos monumentos megalíticos em função de Águas Frias, nem foi feito um esforço para perceber a enorme disfuncionalidade entre os conteúdos artefactuais dos monumentos megalíticos ortostáticos e a área de formação de artesãos já referida.

Se a primeira fase dos Leisner testemunhava o trabalho sistemático e, naturalmente, de mérito, que o casal germânico foi elaborando em Portugal, o trabalho de Manuel Calado mais uma vez evidenciava as suas grandes qualidades de prospector, em meu entender, e como sempre disse, o melhor em Portugal nos últimos 25 anos.

Da escavação de Águas Frias, Manuel Calado produziu um extenso e bem documentado relatório (Calado, 2004), onde fez um balanço arqueográfico dos seus trabalhos. Confiou-me as placas de xisto para estudo, mas a importância de Águas Frias só pode realmente entender-se numa perspectiva mais ampla, particularmente confrontando os dados com os da Malhadas das Mimosas e, sobretudo, com o espólio de Juromenha, datado pelo radiocarbono. Parecem semelhantes, mas nada há como vermos de novo os conjuntos, apenas aproximados pelos tipos de cerâmica recolhidos, o que poderia ser suficiente, se não conhecêssemos tão mal estes conjuntos.

A questão que aqui iremos abordar diz sobretudo respeito às placas de xisto recolhidas pelos Leisner, acrescentadas por aquela que Leonor Rocha encontrou em Santiago Maior, e pela própria produção de Águas Frias.

Este é um trabalho preliminar, que antecede aquele que, com a colaboração protocolada entre a Câmara Municipal do Alandroal, a Faculdade de Letras de Lisboa e o Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ), irá começar no imediato (protocolo assinado entre os parceiros no Museu Nacional de Arqueologia em 2013.08.20).

## **2. As placas de xisto gravadas da Anta de Santiago Maior**

Conhecem-se três placas de xisto gravadas provenientes da Anta de Santiago Maior, as duas primeiras no Museu Nacional de Arqueologia, a terceira muito possivelmente no Depósito do defunto IPA no Crato.

A primeira delas (Leisner, 1959, T24, 1:3) é um exemplar pouco comum de uma minoria: as placas de xisto gravadas com o Corpo preenchido por faixas verticais adossadas, preenchidas com oblíquas de orientação oposta de faixa para faixa, ao modo de alguns campaniformes antigos (mas por aí não vamos agora). O mesmo motivo surge, na horizontal, no Separador Cabeça – Corpo, mas isso é irrelevante, tal como o «normal» preenchimento da Cabeça, que segue uma fórmula comum.

A segunda (Leisner, 1959, T24, 1:4) apresenta uma versão radiante e uma paginação da Cabeça relativamente frequentes e um Corpo com quatro bandas de triângulos preenchidos com os vértices para cima, segundo outra fórmula «clássica». Por banda, quatro triângulos, com remates de início e fim de banda. Aqui, nada de estranho ou incomum.

A placa recolhida por Leonor Rocha (2009) tem três situações bizarras, uma por cada campo organizador da placa.

Na área geral da Cabeça, do lado esquerdo, o preenchimento da faixa que delimita a «Cabeça dentro da Cabeça» foi interrompido no topo, passando de retícula a linhas simples, grosseiramente paralelas. A faixa que surge no extremo esquerdo da Cabeça está também parcialmente preenchida pelo mesmo motivo, ficando o resto vazio.

O Separador Cabeça – Corpo consiste numa banda de triângulos preenchidos com os vértices para cima (5, com remates de início e fim de banda), num campo maior vazio, o que produz o efeito faixa vazia, faixa preenchida, faixa vazia, tão ao gosto do 3.º milénio a.n.e. e bem presente em cerâmicas da sua segunda metade (2500-2000), nomeadamente as taças campaniformes tipo Palmela (mas também não é por aqui que vamos agora...).

No Corpo da placa, a decoração é de enormes faixas ziguezagueantes incompletas, de tal modo que tropeçamos na divertida situação de sabermos se as zebras são brancas com riscas pretas ou pretas com manchas brancas... Isto porque o que sobressai ao incauto, ou ao crédulo, é a enorme faixa ziguezagueante central, naturalmente completamente vazia (se não, a questão não se punha). Amigo de longa data de uma menina chamada Alice, vejo-a às vezes encolher, outras crescer e ainda do outro lado do espelho. Mas, na verdade, nem sempre tive uma especial simpatia por coelhos...

### **3. As placas de xisto gravadas das Antas da Herdade dos Galvões**

Referidas em bloco, na legenda da Figura dos Leisner, como «dos Galvões», onde há duas antas, as três placas foram aqui atribuídas à Anta 2. Sabendo como o desenhador dos Leisner, excelente em alguns desenhos, falhava às vezes estrondosamente noutros, tal o caso, por exemplo, da Anta Grande da Comenda da Igreja ou da placa 985.39.49 de Aljezur (Gonçalves, 2004b, p. 171; Gonçalves, 2004a ou 2005, ver Figs. 15, 38, 39, 40, 41) ou mesmo aqui, na Herdade dos Galvões (Gonçalves, em conclusão), iniciei há anos

uma «caçada» às placas dos *Megalithgräber*, o que me trouxe excelentes surpresas, entre elas as placas de Courela dos Nacedios (Gonçalves, 2007). E lá estava, entre as placas do Alandroal, a extraordinária placa da Anta 2 dos Galvões, com cinco bandas repletas de representações do Jovem Deus (ou do «Ídolo Almeriense», o «Ídolo chato» dos Leisner, que nesta questão de duplos sentidos em português não eram mestres...). A esta notável placa, capa de um meu próximo livro, voltaremos já. Falemos das restantes.

A placa identificada pelos Leisner (op. cit. mesma *Tafel*) como 2:12 é uma peça extraordinária, mais pelo que revela tecno-culturalmente do que pelo seu conteúdo específico: se o preenchimento do Corpo não levanta questões (três bandas com triângulos preenchidos), o Separador Cabeça – Corpo parece um Colar, de onde pendem triângulos com o vértice para baixo. *E os riscos oblíquos na Cabeça são, muito provavelmente, um indicativo de que o que inicialmente se planeava fazer era mesmo uma placa recortada.*

Esta situação é confirmada pelo verso da placa, onde as indicações para o recorte estão também inseridas e todo o planeamento da face está contido. Não consegui encontrar esta placa no Museu Nacional de Arqueologia, mas as buscas continuam. Talvez assim se esclareçam, por observação directa e fotografia de alta definição, algumas dúvidas que tenho.

A segunda placa (Leisner e Leisner, 1959. 2:13) repete o motivo usado na placa da Anta de Santiago Maior (Leisner e Leisner, 1959, 1:3), mas usando-o num conjunto híbrido (faixas verticais preenchidas adossadas, na sequência vertical de uma banda com triângulos preenchidos, com o vértice cortado para cima). As placas híbridas foram assim definidas por mim (Gonçalves, 2006), a partir de exemplos da Anta 1 do Xarez, da Anta Grande do Zambujeiro e do *tholos* do Escoural, mas as evidências de este motivo raro são mais extensas. Esta é, assim, outra placa muito interessante.

Quanto à placa inventariada no MNA com o número 7794 (Leisner e Leisner, 1959, 2:14), é verdadeiramente uma placa extraordinária, com 12 cm de base, infelizmente parcialmente mutilada. Sobre ela, indirectamente, e a propósito de outra, da Anta das Cabeças, escreveram os Leisner (1951, p. 21):

«Se bem que esta placa [da Anta das Cabeças], pelo seu carácter geral, pertença ao tipo corrente das placas ornadas com fileiras de dentes de lobo, a posição alterna destas fileiras é relativamente rara. Pode, contudo, comparar-se a algumas placas das sepulturas de Vale de Rodrigo, da Anta de Brissos, da Anta da Comenda da Igreja e da Anta do Cabeço; quanto à conformação da parte superior, compara-se por sua vez a uma placa da Anta dos Galvões (Alandroal).». Curiosamente, o que é referido é a parte menos interessante da placa e não o seu motivo principal.

Começando pelo princípio, a Cabeça da placa da Herdade dos Galvões apresenta um quase triângulo vazio, central, com uma única perfuração,

ladeado à direita por 11 faixas reticuladas ligeiramente oblíquas (o lado esquerdo, que costuma ser simétrico do direito, está parcialmente destruído e hoje só se veem duas das faixas.

O Corpo apresenta-se organizado por linhas de paginação, grosseiramente paralelas, definindo seis bandas, contendo figurações do Jovem Deus, Ídolo Almeriense ou Ídolo chato:

Banda 1: 16;

Banda 2: 14;

Banda 3: 13;

Banda 4: 12;

Banda 5: 12;

Banda 6: número indeterminável de triângulos reticulados (e não ídolos almerienses, como o desenhador dos Leisner, por erro, os representou), com vértice para cima. Estão apenas conservados parcialmente sete, e um remate de fim de banda do lado esquerdo da placa.

É a maior concentração de ídolos por placa que conheço, contra apenas um nas placas do Bugio e de Mitra 2, uma simples moldura na placa da Anta do Paço de Aragão, sete na placa da Courela dos Nacedios, quatro em outra placa da Lapa do Bugio e 16 na placa desenhada por Leite de Vasconcellos e recolhida em Campo Maior, na Herdade do Freixo, em 1916, a primeira aparição do Jovem Deus em tempos modernos...

Não consigo compreender como esta placa passou despercebida até hoje, mas a situação ficou agora resolvida, antes que.

#### **4. Águas Frias: working home and abroad...**

No Congresso da UISPP realizado em Lisboa, apresentei, com Manuel Calado, um *powerpoint* com este título (inglês *oblige...*) e, ao escolhê-lo, antecipava já uma das leituras possíveis dos elementos recolhidos em Águas Frias: se aquele sítio era um Centro de formação de artesãos, as placas de xisto gravadas seriam posteriormente feitas ou gravadas, de acordo com pedidos específicos, nas aldeias a que se dirigiam os gravadores, já treinados para a sua produção. Seriam então acabadas localmente.

Águas Frias é um sítio de habitação e trabalho rodeado, entre outros, por um fosso serpentiniforme. Mas o que são os sítios delimitados por fossos e que tipo de problemática é esta?

Até à data de identificação do sítio de Águas Frias (2003), era muito escasso o conhecimento das áreas de fabrico e os respectivos eixos de circulação das placas de xisto gravadas, sendo apenas referido o pequeno atelier-oficina do Cabeço do Pé da Erra (Gonçalves, 1983-84). Na realidade, existe uma efectiva desproporção entre o número de povoados e sepulcros intervencionados no Sul de Portugal e o número muito superior de necrópoles

objecto de escavação. Este desfasamento é decerto consequência das numerosas intervenções de Manuel Heleno ou de Georg e Vera Leisner em monumentos megalíticos e do seu desinteresse pelos povoados dos seus construtores. O projecto de acompanhamento dos canais de rega do Alqueva constituiu uma oportunidade, mal explorada, é certo, mas que originou a detecção de inúmeros contextos de tipo até aí quase desconhecido, como os recintos de fossos (Valera, 2012) ou a Arte de ar livre pós-paleolítica (Calado, 2006), despoletando novas linhas de pesquisa.

A identificação de Águas Frias insere-se, portanto, num contexto de mudança dos novos quadros de referência e reposicionamento dos paradigmas de estudo, suscitada pela chamada «arqueologia de contrato», tendo, no actual território do Alandroal, sido igualmente identificados e parcialmente escavados Juromenha e Malhada das Mimosas (brevíssima referência em Calado e Rocha, 2006).

Águas Frias foi objecto de uma campanha de escavação de emergência entre Novembro de 2003 e Abril de 2004, sob a direcção de Manuel Calado. Os trabalhos desenvolvidos permitiram um razoável conhecimento do sítio, nomeadamente quanto à morfologia e natureza da ocupação. Trata-se de um povoado rodeado por fossos, apresentando três linhas ondulantes, com inúmeras fossas e algumas estruturas positivas, como buracos de poste, restos de muros, empedrados (Calado, 2010). A configuração ondulante do fosso cedo mereceu uma referência à sua especificidade (Calado e Rocha, 2006), tendo-se vindo posteriormente a verificar que o carácter sinuoso dos fossos constitui uma especificidade do traçado de numerosos fossos do 4.º e do 3.º milénio na generalidade da fachada atlântica (Valera, 2010).

No actual panorama das pesquisas, a presença destas situações começa a conhecer-se no Sul de Portugal, particularmente no Alentejo, contando-se já mais de 34. Conhecemos ainda pouco sobre estes sítios, muitos deles apenas caracterizados através dos levantamentos geofísicos ou com intervenções parciais da arqueologia preventiva, mas até ao momento ainda não foi detectada qualquer situação paralelizável a Águas Frias, onde praticamente em todos os contextos (fossos, fossas) surgem placas de xisto em fase de produção, traduzindo treino específico. Esta situação de excepção levou mesmo M. Calado a propor que Águas Frias corresponderia ao único centro produtor de placas de xisto (Calado, 2010), proposta que é, em si própria, inverosímil.

O povoamento das antigas sociedades camponesas no território do Alandroal, onde está Águas Frias, encontra-se parcialmente caracterizado (Calado, 1993; Calado, 2001; Roque, 2012) embora sejam escassas as intervenções de terreno. Para além de escavações no Castro de Castelo Velho (Calado, 2001) e nas antas acima mencionadas, as escavações são fundamentalmente de âmbito preventivo, como sucede nos recintos de fossos de Juromenha 1 ou Malhada das Mimosas (Calado, 2002; Mataloto e Boaventura, 2009), onde não foram detectadas quaisquer placas de xisto.

A área do Alandroal apresenta-se assim com elevado potencial para a compreensão do fenómeno da circulação das placas de xisto gravadas, e talvez mesmo da sua própria génese, carecendo de uma investigação planeada e integrada.

## 5. Águas Frias e o megalitismo no Alandroal

O mapa que preparámos na UNIARQ, apesar de construído sobre a base de dados da DGPC, antes da actualização da Carta Arqueológica do Alandroal de 2013, mostra-nos uma situação completamente diferente do que se poderia esperar.

Para já, a Malhada das Mimosas e Juromenha encontram-se a cerca de 2 km um do outro, e o mais próximo de Águas Frias a mais de 15 km.

Seis antas encontram-se perto da Malhada das Mimosas e de Juromenha, povoados que não têm placas de xisto gravadas, e delas só se conhecem três placas, as da Anta 2 da Herdade dos Galvões, a cerca de 12 km para Nordeste. Também Santiago Maior, uma anta com também três placas, está a cerca de 12 km, mas para Sudoeste.

A verdade é que não há muitos clientes no Alandroal para as placas de xisto gravadas. Ainda que não longe, a Sul, em Reguengos de Monsaraz...

Parece assim haver demasiadas potenciais placas de xisto gravadas em Águas Frias para tão poucas antas. Mais propriamente, muitos mortos e poucas placas. E seis delas indicam, basicamente, um número mínimo de indivíduos (*nmi*) igual.

São parte dos mistérios megalíticos do Alandroal... Nada que se não resolva com trabalhos programados e sistemáticos.

## 6. E quando foi?

A questão das cronologias depende sempre de um conjunto muito diversificado de premissas e da própria natureza dos dados. Claro que tudo fica mais simples com o radiocarbono, quando ele é possível. Para Juromenha, as datas obtidas por Manuel Calado e divulgadas por Mataloto e Boaventura (2009) são quatro (calibradas cal BC a 2 sigmas):

WK-18488 – 3368-3103

WK-18487 – 3364-3103

BETA-169263 – 3518-2927

BETA-169264 – 3338-2933

(Escavações Manuel Calado, *apud* Mataloto e Boaventura, 2009. Calib 6.0).

À excepção de BETA-169263, que parece demasiado antiga, as três datas restantes confirmam-se umas às outras, sendo estatisticamente idênticas.



Basicamente, os intervalos de tempo obtidos correspondem ao suposto período de emergência da Deusa representada nas placas de xisto gravadas.

Claro que a vida das placas foi longa, pelo menos até 2500 a.n.e. No entanto, em intervalos de tempo cujo parâmetro superior não ultrapassa 2900, grupos de metalurgistas entram, pelo Alentejo, no território que é hoje o Sul de Portugal, provavelmente em busca de novas jazidas de cobre, e instalam-se em numerosos sítios, que fortificam com muralhas e, eventualmente, construindo fossos absolutamente funcionais e, a acreditarmos no que se escavou no Cabeço do Pé da Erra, reconstruídos de raiz, quando necessário.

Mas, se existiu uma unidade «étnica» ou cultural em fins do 4.º milénio (últimos três séculos) e inícios do 3.º, no Centro e Sul de Portugal, como tenho vindo a defender, cujas produções habitacionais são cabanas circulares ligeiras, com paredes de barro ou adobes, e sem alicerces, com fossos sinuosos delimitadores de área, cujas cerâmicas são taças carenadas e vasos com mamilos funcionais, cuja economia nos é completamente estranha e cujos símbolos assentam numa Divindade representada nas placas de xisto gravadas, o que vem a seguir?

Os povoados ou quintas fortificadas, como o Cerro do Castelo de Santa Justa ou o Monte Novo dos Albardeiros, na primeira metade do 3.º milénio? Povoados ou quintas com fossos defensivos, estrategicamente implantados e protegidos, como o Cabeço do Pé da Erra, ou o Barranco do Farinheiro, em Coruche, na 2.ª metade do 3.º milénio? Com a metalurgia do cobre associada à agricultura intensiva, que desertificará os campos e fará explodir uma economia da terra? Com uma Deusa que mudou, cedendo terreno ao seu Filho, o Jovem Deus, e ganhando Olhos de Sol.

Há muito poucos sítios publicados para que se possa responder a tantas questões. E, desgraçadamente, parece, pouca vontade de os publicar. E demasiadas hipóteses fantasistas, que fariam a felicidade de qualquer astróloga ou quiromante de feira. De ambos nos livre a Deusa.

Cabeço do Pé da Erra, Verão de 2013

*O autor agradece à Doutora Ana Paula Fitas, sem a qual este trabalho levaria ainda três anos a sair da fábrica, de acordo com o meu ritmo de produção e o número de trabalhos programados, um pouco diferente do da Autoeuropa e de João Luís Cardoso.*

*Como de costume, obrigado a Ana Catarina Sousa, que, mesmo resmungando entre dentes, esteve sempre onde foi precisa, no campo, no Cabeço do Pé da Erra, e no seu jardim partilhado de .pdfs. Sorte minha.*

*Manuel Calado está longe, mas percorrer os caminhos do Alandroal, esquecendo-o, seria impossível e injusto. Recordo-o mostrando-me a primeira versão paginada da Carta Arqueológica do Alandroal e, quando lhe perguntei se a tinha feito em Quark, me respondeu, genuinamente surpreendido: «Não! foi no computador...».*

*Agradeço também a Endovélico que, perante as provas irrefutáveis que lhe apresentei, abandonou a sua primitiva ideia «Antes de mim, ninguém». Ideia de muitos mortais insanos, que os Deuses verdadeiramente inteligentes rejeitam com sageza. Por razões diversas, eu prefiro encontrar-me com a Deusa, ao pôr do Sol, com um copo de Mombasa, lima e Mediterranean tonic water, da Fevertree. Mas, desta vez, faço um brinde ao Deus e digo o seu nome, para que continue vivo.*

## 7. Referências

- CALADO, M. (1993) – *Carta arqueológica do Alandroal*. Alandroal: Câmara Municipal.
- CALADO, M. (2002) – Povoamento pré e proto-histórico da margem direita do Guadiana. *Al-madan*, Almada, II série, 11, p. 122–127.
- CALADO, M. (2004) – Relatório sobre a intervenção em Águas Frias. Arquivo da DGPC.
- CALADO, M. (2010) – Rock art schist plaques. <http://crookscape.blogspot.pt>
- CALADO, M.; ROCHA, L. (2007) – As primeiras sociedades camponesas no Alentejo Central: a evolução do povoamento. In Cerrillo, E.; Valadés, J. (eds.) – *Los primeros campesinos de La Raya. Aportaciones recientes al conocimiento del Neolítico y Calcolítico en Extremadura y Alentejo*. Memórias 6. Cáceres, p. 29–46.
- CALADO, M.; ROQUE, C. (2013) – *Nova Carta Arqueológica do Alandroal*. Alandroal: Câmara Municipal.
- COLLADO GIRALDO, H. (2006) – Arte rupestre en la cuenca del Guadiana: El conjunto de grabados del Molino Manzán (Alconchel – Cheles). *Memórias d’Odiana. Estudos Arqueológicos do Alqueva*. Beja. EDIA
- ESPANCA, J. J. R. (1894). *Estudo sobre as antas e seus congéneres*. Vila Viçosa: Edição do Autor, p. 55.
- GONÇALVES, V. S. (1970) – Sobre o Neolítico na Península de Setúbal. In *Actas das I Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: AAP. p. 407-421.
- GONÇALVES, V. S. (1992) – *Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/ INIC.
- GONÇALVES, V. S. (1999) – *Reguengos de Monsaraz: territórios megalíticos*. Reguengos de Monsaraz: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (2003) – *STAM-3, a anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GONÇALVES, V. S. (2004 a) – As placas de xisto gravadas dos monumentos colectivos de Aljezur. *Arqueólogo Português*. 22. p. 163-318. Posteriormente publicado como: GONÇALVES, V. S. (2005) – *As placas de xisto gravadas dos monumentos colectivos de Aljezur*. Aljezur: Câmara Municipal. [com uma Introdução inédita}.

- GONÇALVES, V. S. (2004 b) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 5. O explícito e o implícito. Breve dissertação, invocando os limites fluidos do figurativo, a propósito do significado das placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1; p. 165-183.
- GONÇALVES, V. S. (2006) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 7. As Placas Híbridas: Definição do conceito, alguns poucos exemplos e, de novo, os possíveis significados das placas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2; p. 27-59.
- GONÇALVES, V. S. (2007) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 8. Sete placas de xisto gravadas (e algumas outras a propósito). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 4. Vol. 24, p. 167-231.
- GONÇALVES, V. S. (2008) – Na primeira metade do 3.º milénio a.n.e., dois subsistemas mágico-religiosos no Centro e Sul de Portugal. In HERNÁNDEZ PÉREZ, M.; SOLER DÍAZ, J.; LÓPEZ PADILLA, J., eds. *Actas del IV Congreso del Neolítico Peninsular*. Alicante: MARQ. Tomo II, p. 112-120.
- GONÇALVES, V. S. (2011) – *As placas de xisto gravadas (e os báculos) do sítio do Monte da Barca (Coruche)*. Lisboa: UNIARQ. Cadernos da UNIARQ. 7.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951) – A Anta das Cabeças. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Nova série: 1, p. 735.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der iberischen Halbinsel*. II: 2: der Westen. Berlin: Walter de Gruyter.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1985) – *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARCH (reed.).
- MÁRQUEZ ROMERO, J.; JIMÉNEZ JAÍMEZ, V.; SUÁREZ PADILLA, J. (2011) – Deconstruyendo Perdigões. Sobre la temporalidad en los yacimientos de fosos del sur de la península ibérica. MEMORIAL LUIS SIRET. I Congreso de Prehistoria de Andalucía. La tutela del patrimonio prehistórico. Sevilla: Junta de Andalucía.
- MATALOTO, R. e BOAVENTURA, R. (2009) – Entre vivos e mortos nos IV e III milénios a.n.e. do Sul de Portugal: um balanço relativo do povoamento com base em datações pelo radiocarbono. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, n.º 12, 2, Lisboa, p. 31-77.
- OLIVEIRA, J. (1998) – *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do rio Sever*. Vol. 1. Lisboa: Colibri.
- OLIVEIRA, J. (2006) – Património Arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris. Edições Colibri e Universidade de Évora.
- OLIVEIRA, J. (2013) – *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do rio Sever*. Vol. 2 e 3 (em DVD). Évora: Centro de História de Arte da Universidade de Évora.
- ROCHA, L. (2005) – *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Tese de doutoramento apresentada na Universidade de Lisboa, sob a orientação de Victor S. Gonçalves. <<http://www.crookscape.org/textmar2009/text19.html>>.

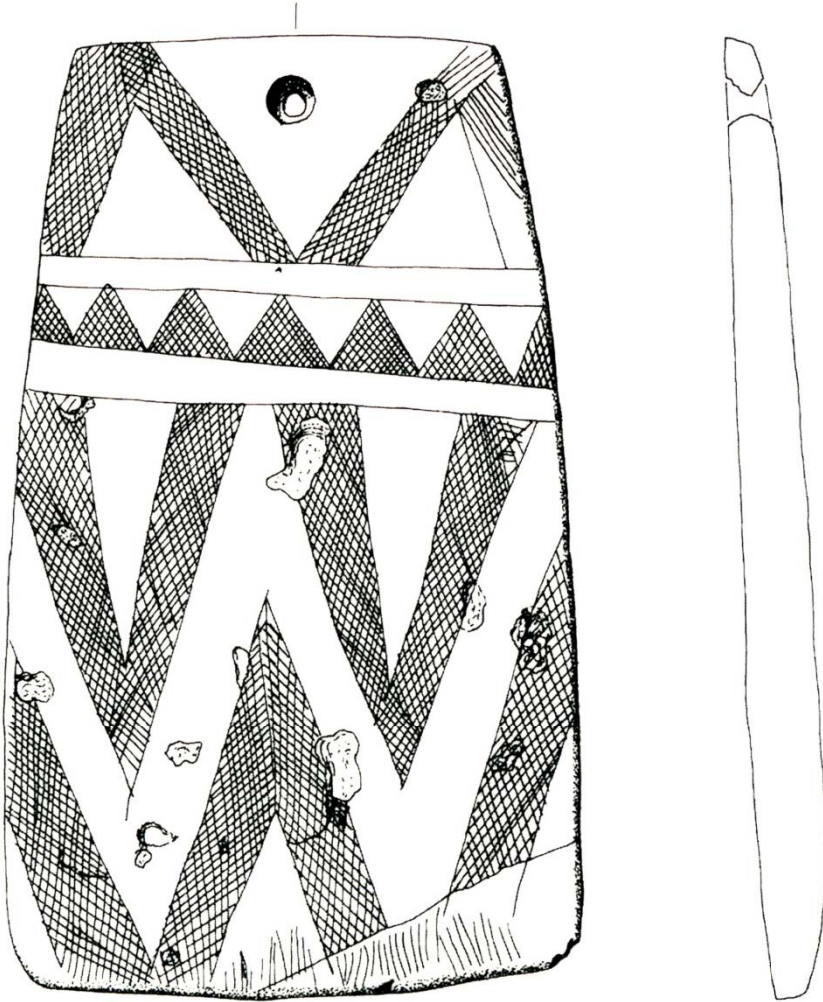
- ROCHA, L. (2007) – O monumento megalítico do Lucas 6 (Hortinhas, Alandroal): um contributo para o estudo das arquitecturas megalíticas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:1, p. 73–94.
- ROCHA, L. (2009) – A anta de Santiago Maior (Alandroal): a recuperação de um monumento destruído. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:1, p. 35–52.
- ROQUE, M. C. V. (2013) – *A revisão da carta arqueológica do Alandroal. Educação pelo património*. Tese de mestrado em Património público, Arte e Museologia. Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/8485>.
- VALERA, A. C. (2010) – Fossos sinuosos na Pré-História Recente do Sul de Portugal: ensaio de análise crítica. V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular. CD. p. 25-38.
- VALERA, A. C. (2012) – Mind the Gap: Neolithic and Chalcolithic Enclosures of South Portugal. In GIBSON, A. – Enclosing the Neolithic. Recent studies in Britain and Europe. BAR International Series, 2440. Oxford: Archaeopress, p. 165-183.
- VASCONCELLOS, J. L. (1916) – Entre Tejo e Odiana. Na Páscoa de 1915. *O Archeologo Português*. Lisboa. 1.<sup>a</sup> série, 21, p. 152-195.



Figura 1 – O volume de referência para o megalitismo do Alentejo.

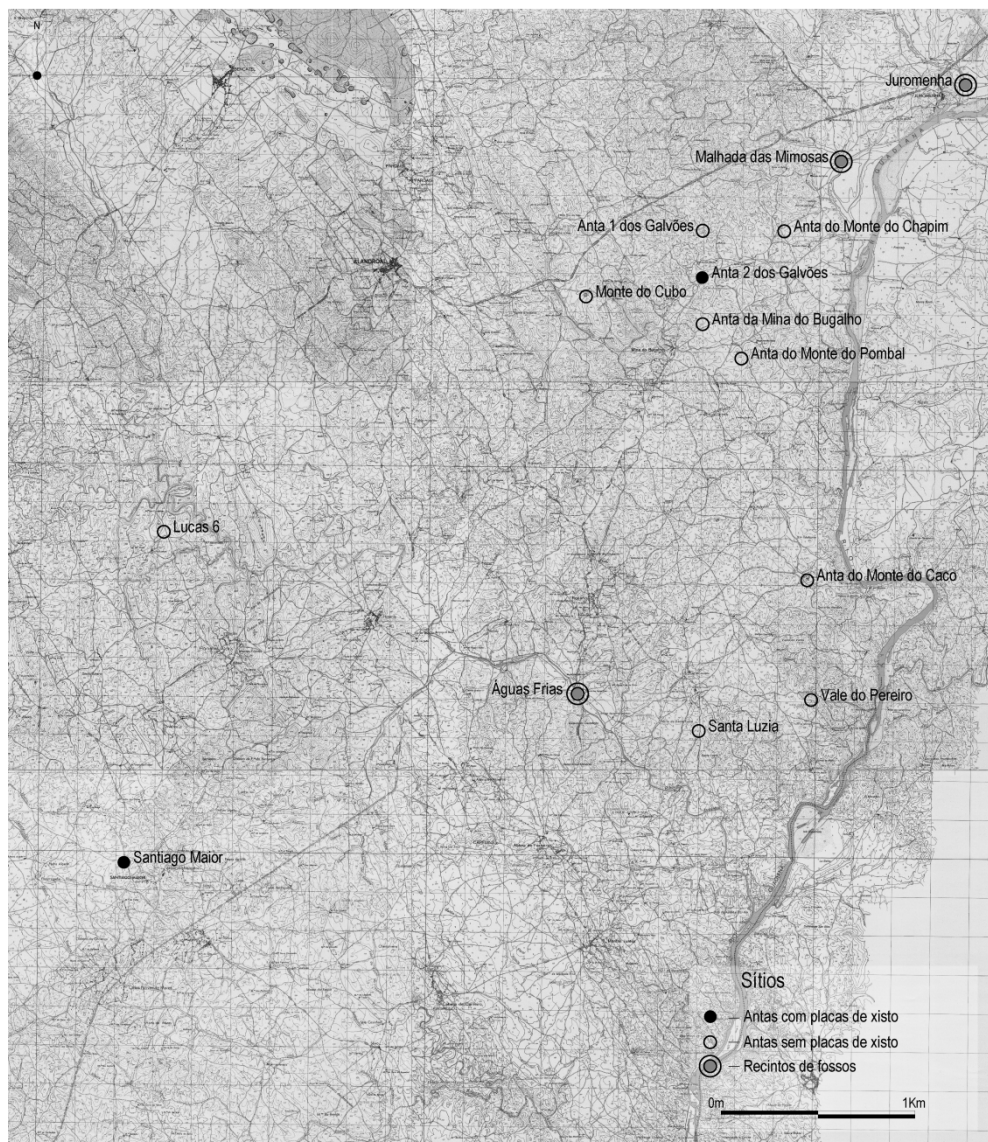


**Figura 2 – A Tafel 24, onde são publicados materiais das antas do Alandroal: Anta de Santiago maior e Anta(s) da Herdade dos Galvões.**



**Figura 3 – A placa recolhida por Leonor Rocha na Anta de Santiago maior, durante os trabalhos de restauro.**



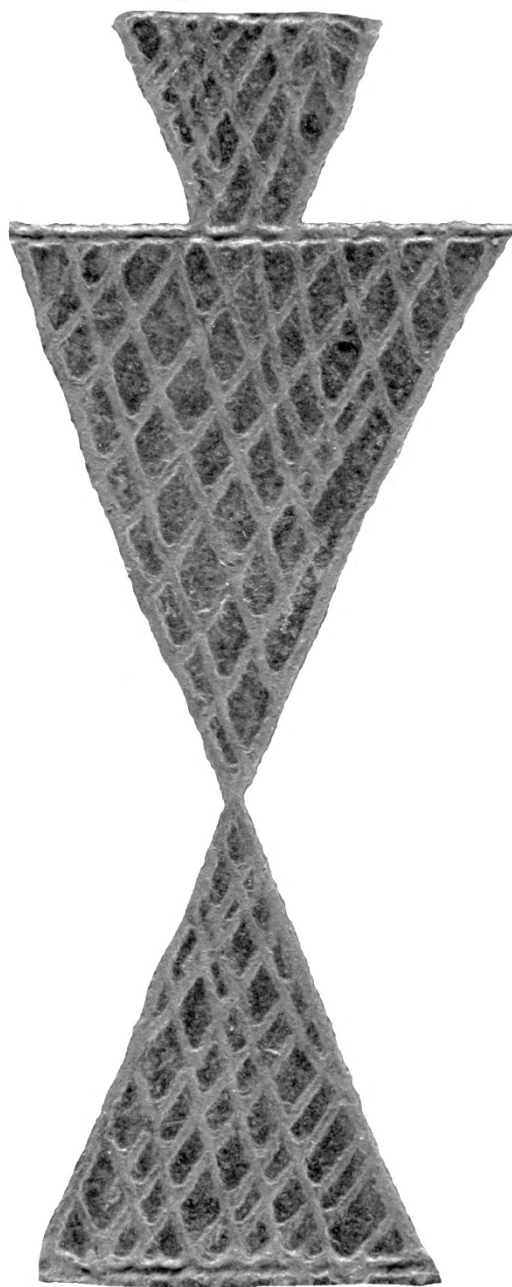


**Figura 4 – Antas e povoados delimitados por fossos do Alandroal.**

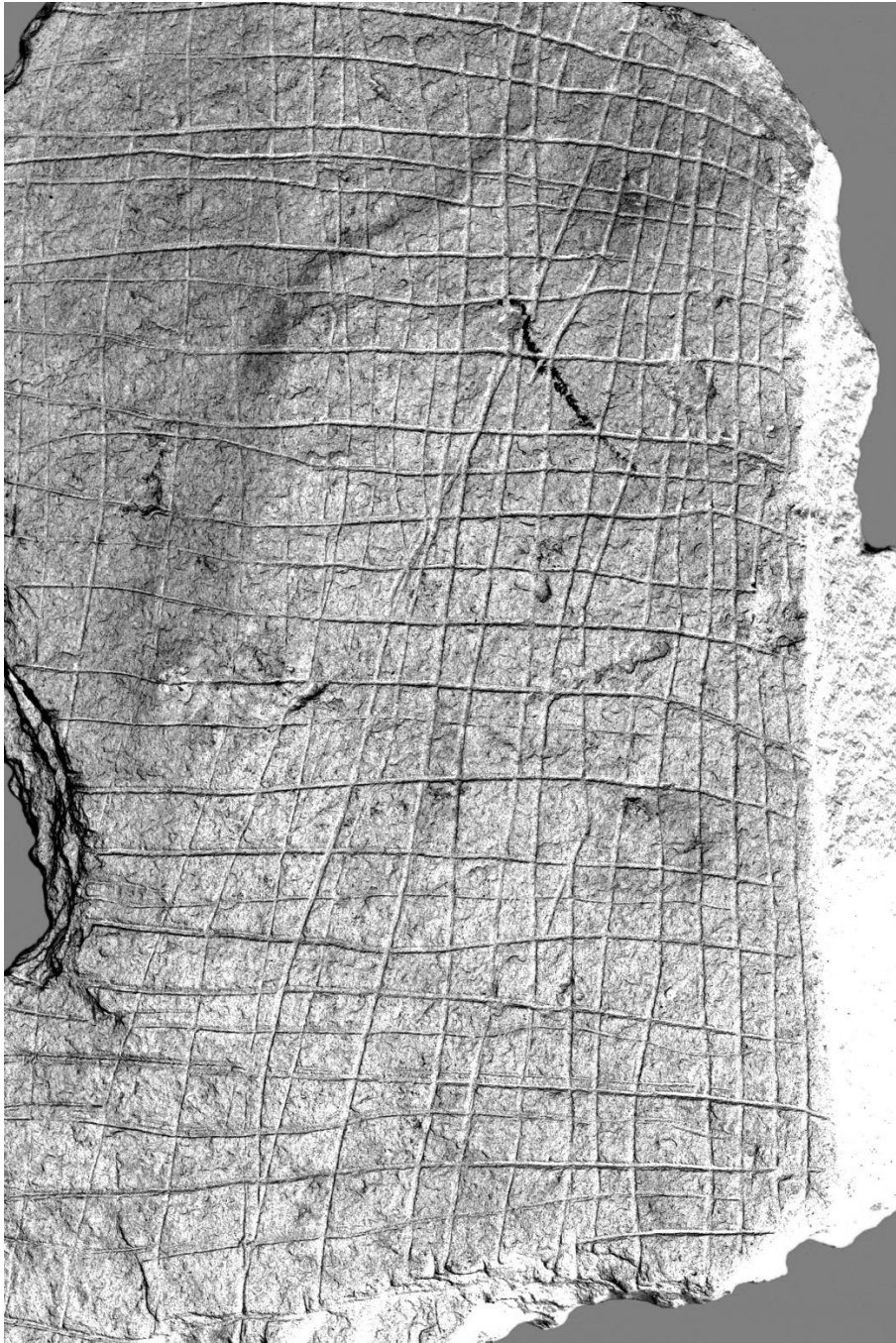




**Figura 5 – A placa MNA 7794, com seis bandas, as primeiras cinco preenchidas por 67 «ídolos almerienses». A última é claramente um indicador de fim de placa.**



**Figura 6 – «Ídolo almeriense», isolado do seu entorno gráfico.**



**Figura 7 – Placa de xisto de Águas frias, quadriculada.  
Foto com inversão de imagem em *Photoshop C6*.**